

PARTISTE, UMA LITERATURA INUNDADA DE SENTIMENTOS

Autor: Luiz Gustavo Grangeiro¹,

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre como a memória emotiva de um autor corrobora com a criação de uma obra ficcional dramaturgical. Tem como foco de estudo a construção do texto PARTISTE, de Paulo Henrique Alcântara.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on how an author's emotional memory corroborates the creation of a fictional dramaturgical work. It focuses on the construction of the text PARTISTE, by Paulo Henrique Alcântara.

Palavra chave: Partiste, Paulo Henrique Alcantara, Dramaturgia, Memória emotiva, Criação

Keyword: You left, Paulo Henrique Alcantara, Dramaturgy, Emotional memory, Creation

¹ Formado em Bacharelado em Interpretação teatral pela UFBA em 2002. Trabalhou como ator em muito espetáculos, entre eles: "Vozes do Desejo" "Idas e Vidas", "Ensaio Sobre a Cegueira"...Atualmente é professor de Interpretação teatral em escolas. Trabalhou também como diretor e assistente de direção em muitos espetáculos.

Introdução

Este estudo pretende refletir sobre a influência da memória afetiva do autor Paulo Henrique Alcântara no processo de criação do texto dramático *Partiste*. Paulo Henrique Alcântara, autor, diretor, professor e pesquisador, escreve e encena esta obra para o processo de formatura do curso de artes cênicas da Faculdade Social da Bahia no ano de 2010. *Partiste* conta a história de uma família do interior da Bahia, Livramento de Nossa Senhora, no ano de 1970. Mãe, seus três filhos, uma tia, todos vivendo o dia a dia no interior, as emoções, e os sonhos de pessoas que traduzem em seu imaginário a vida na capital. Eles também esperam uma carta do filho primogênito, Jairo, que foi para São Paulo buscar uma vida melhor na cidade grande e não deu mais notícias. A morte do pai, é a “partida sem volta” que abala o lar e modifica toda a estrutura existente nesta família. Um partir de relações, que reverberam em outras partidas.

A elaboração de um texto dramático exige da memória do autor não só o conhecimento técnico da construção dramatúrgica, mas todas as referências pessoais: sensações, aromas, sabores, cores, texturas, dores, alegrias, entendimentos das relações humanas... Esse material vai possibilitar o atravessar dessas vidas e as encruzilhadas onde elas transitam. A memória é berço de todo processo criativo. Durante esse artigo, vamos investigar como a memória emotiva de Paulo Henrique Alcântara, foi a principal isca para criação de um texto. Ela guiou passo a passo a construção de cada um dos personagens existentes na trama. Em *Partiste*, o luto vivido pelo autor com a morte do seu pai em 2009, sua vida e experiência no interior da Bahia, onde nasceu, em paralelo com sua vivência na capital, o reencontro com sua família neste momento de ausência e suas referências nesta nova configuração familiar sem o seu pai, foram os gatilhos para o rebentar de várias novas almas e o brotar dessa nova história.

O Nascer de um novo texto.

Segundo Paulo Henrique Alcântara o estímulo para uma nova criação pode vir por vários caminhos. Em *Partiste* a motivação para criação deste novo texto foi um episódio vivido. Toda afetividade e todas as memórias que esse evento evocou influenciaram diretamente o processo de construção dramatúrgica do texto *Partiste*. O autor, neste caso, pôde localizar o estímulo que mais o motivou a visualizar essa

nova ideia. Porém Paulo afirma que o dramaturgo pode não localizar este ponto de partida, porque esse estímulo pode estar dissipado em muitas memórias. Em *Partiste*, Paulo reconhece que a morte do pai foi o gatilho para criação deste texto, mas percebe, por exemplo, que não foi o único disparador. As recordações, a saudade, a relação com a sua família, sua relação com a cidade do interior e seus moradores, toda a memória afetiva trazida da situação que estava vivendo, de alguma forma, seria reverberada nos personagens e naquela história.

Toda arte reflete a memória pessoal de um artista. Ouso dizer que a escolha por falar sobre este tema neste artigo vem de uma verdade que acredito veementemente: A arte reflete uma memória vivida ou criada através da imaginação, ou utiliza referenciais que vem de suas observações, sensações, percepções sobre o mundo. Todas essas percepções estão armazenadas, e serão filtradas e acessadas através memória de cada artista. É a tradução dessas memórias em arte que vão despertar identificação e sensações no público. *Partiste* é uma obra que propicia esse grande encontro: espectador se revendo e se encontrando naquela história. Paulo afirma que quando escreveu esse texto, escreveu uma história com a intensão de emocionar. Defende também que é muito importante para o autor escrever sabendo o que ele quer despertar no seu público. A dramaturgia deve ter uma estrutura que crie um caminho para a construção da emoção. Paulo afirma que:

“... a emoção também é estratégica. A emoção também é construída. A emoção é urdida. Existe uma cadência. Existe um jeito do personagem falar. Existe um crescendo. Existe uma noção de ritmo. Existe uma ideia de encadeamento de cenas e de jogar isso conscientemente para que a emoção se estabeleça” (ALCANTARA, 2019)

Memória é a aquisição, formatação, armazenamento e evocação de informações. Tudo que observamos, todos os toques, sentimentos, cheiros, sabores, todas as histórias que ouvimos, tudo que nos toca, tudo que lemos, ouvimos, experiências, amores, sentimentos fortes, fracos, comuns, o cotidiano, a rotina - dia a dia, tudo é matéria para memória, todas estas informações estão neste HD gigante, de possibilidades infinitas, a memória única de cada ser. E essas informações são o berço de um universo de possibilidades de criação. Uma parte importante da função da nossa memória, é a de usar os elementos armazenados para criar novos pensamentos, a essa função damos o nome de imaginação. Graças a ela podemos criar em nossas mentes: mundos, histórias, ideias, objetos, podemos sonhar e nos

reinventar. Inundar a nossa mente com mais memórias novas, agora memórias não vividas praticamente, mas sentidas de forma lúdica. Para o artista essa função é o oxigênio do seu trabalho. É a imaginação que permite criar, inventar e reinventar na arte e na vida. Ser dramaturgo é ser autor de histórias de vida. Escrever um texto dramático realista é optar por contar histórias de vida e da vida

Paulo afirma que o que gosta mesmo é de contar uma boa história. E que quando escreve, quer que o público se identifique, se emocione, se perceba nesta história.

“O que eu estou dizendo de gostar de contar histórias? De gostar de contar situações em que a história seja importante, que a narrativa seja feita de acontecimentos muito determinantes na vida do personagem. Que os conflitos sejam muito palpáveis. Que os objetivos dos personagens sejam muito claros. Eu gosto da história, eu gosto da história suculenta. Eu gosto da história farta. Eu gosto disso. Gosto muito disso. Porque isso no teatro me dá uma ancoragem.” (ALCANTARA, 2019)

Um bom exemplo de estratégia dramaturgical usada na construção emotiva em *Partiste*, foi a escolha de manter a personagem da mãe com esse nome: mãe. Inicialmente Paulo tinha escolhido um nome pra essa mãe, Adélia, em homenagem a Adélia Prado. Mas dramaturgicamente preferiu não dar a ela um nome específico, porque isso faz com que o público identifique na personagem características e sentimentos que estão no arquétipo das mães. Este texto fala de família e o autor encontra uma forma de acionar no público o sentimento que a palavra Mãe traz. É a garantia do encontro do público com essa personagem. O arquétipo da maternidade, da família matriarcal. Se o espectador não vir a própria mãe, vai ver muitas mães refletidas naquela personagem. De forma muito sensível o autor escolhe transparecer o amor daquela mãe, em todas as atitudes: botar a mesa, orar, ler a carta, cuidar da irmã, no fazer a comida, no colocar a mesa, no afago da dor que alimentação proporciona. Na memória afetiva deste autor, e na sua percepção e observação sobre a relação dos brasileiros com a alimentação, o comer, o sentar a mesa, o levar uma comida pra um vizinho, todos esses gestos são reflexos de um transbordar de afeto, de um afetar, uma característica fundamental e importante que expressa o modos operandi de um povo. Como culturalmente ele se comporta, como ele se mostra e se expressa. Sonia Robatto, escritora e atriz baiana, em seu livro “Na Mesa da Baiana” diz que: “Na Bahia ninguém sai de uma casa com a mesma boca que

entrou”(ROBATTO, 2018). Paulo é um autor que tem essa percepção em sua memória emotiva e traduz em sua obra toda a afetuosidade através da delicadeza do que é simples no dia a dia. O banho na irmã, a refeição, o amor ao ler as cartas... Paulo afirma que acredita muito na força das coisas simples. Essa simplicidade faz florescer uma profunda identificação do público com a história. O que é dito como corriqueiro, banal, cotidiano, sob a lente de aumento da arte, amplia a percepção do público para aquele gesto. Faz com que a plateia perceba que aquilo, aquele afeto, está também na sua vida de alguma forma, e transporta esse espectador para esse novo olhar sob essa ação que antes parecia tão banal, mas está repleta de profundidade e sentimentos.

Um texto não pode dizer tudo. Ele vai até um certo ponto, lá até onde pode ir qualquer palavra. Além desse ponto começa uma outra zona, zona de mistério, de silêncio, daquilo que se costuma designar como atmosfera, ambiente, clima, conforme queiram. (...) Representamos o texto todo, tudo aquilo que o texto pode expressar, mas queremos também estendê-lo para aquela margem que as palavras sozinhas não conseguem alcançar. (ROUBINE, p. 63)

É importante deixar claro que, apesar de PARTISTE ter como ponto de partida uma forte memória afetiva, um fato fundamental que movimentou o sentimento do autor a querer falar do partir, do luto e das transformações familiares que se desencadeiam a partir desta partida, mesmo com toda essa ligação pessoal, esta é uma obra de ficção.

A memória ela é um disparador, ela embala a tua criação, mas a criação não se sustenta unicamente em uma memória. Essa dramaturgia o que transparece nela são: diálogos sim, cenas, são emoções que eu estava vivenciando naquele momento e também elementos que a memória dialoga com a pura invenção. A autobiografia entra de mãos dadas com a pura imaginação. (ALCÂNTARA. 2019)

A memória foi a isca pra que essa história acontecesse. Esses estímulos permitiram a este autor o entendimento do tema que ele gostaria de tratar, que é a família e suas transformações, a família e esse espaço aberto de possibilidades de ir e voltar, a casa, o lar, as referências, a mãe... As lembranças vivas permitiram também ao autor escolher o onde situar essa história, porque construir uma dramaturgia realista, implica em ter muito conhecimento sobre esse universo de espaços e culturas que vão dar vazão a vida desses personagens. Como a memória afetiva de Paulo está muito ligada ao interior do nordeste, escolher a cidade que nasceu para ser palco dessa história é um grande acerto. Paulo revela que depois que decidiu que era sobre isso que iria escrever voltou a Livramento com um olhar de um pesquisador

afetuoso. Olhando

nomes das lojas, das pessoas, percebendo mais seu jeito de falar, maneirismos. Esta é uma forma de ativar na sua memória todo conhecimento que já tinha por uma experiência vivida, e oferecer isso, com todo respeito e afeto, a essa nova família que estava sendo criada. Assim, Paulo conduz o espectador a revisitar suas memórias, exatamente como ele fez. Rever suas partidas, sua família, casa, cheiros, sabores, crenças. Estas lembranças são fundamentais para criação, corroboram na elaboração de uma delicada dramaturgia construída numa estrutura realista, mas com foco atento no utilizar deste arcabouço textual para acessar essa afetividade na plateia e assim gerar a comoção que se faz necessária para essa história. Paulo elabora uma narrativa que vai sendo montada em quadros. Como em um álbum de fotografia. Esses quadros vão desnudando os personagens. Pedacos desses novos seres vão sendo revelados aos poucos, cada um com sua peculiaridade. Conflitos, antagonismos, fugas de realidades, sombras e luzes de cada personagem vão sendo revelados aos poucos. Uma narrativa episódica que forma um mosaico de emoções, humanizando de tal forma os personagens que o público se envolve de forma particular com cada um deles.

A dramaturgia não desnuda só os personagens, mas revela muito sobre seu autor. Paulo é um autor que vai muito além das palavras na sua escrita. As lembranças emocionais e ou informações absorvidas durante a vida, se revelam e transparecem nas escolhas das referências que ele usa na construção de cada personagem. Em *Partiste*, Paulo opta por repartir todas as suas paixões artísticas pessoais: circo, leitura, teledramaturgia, cinema, através da alma desses personagens. Na literatura Paulo revela que escolheu para personagem livros que já tinha lido. Doou essa vivência literária humanizando ainda mais a personagem Ceci. Ele emprestou esse seu saber, e a emoção despertada por aqueles textos à personagem e ao texto. Historicamente, além de falar do cinema que é a sua paixão, conduz a dramaturgia pra revelar ao espectador percepções fundamentais sobre, por exemplo, a importância do cinema na cidade do interior. Quem não tem essa vivência interiorana vai aprender sobre ela e ou se espelhar no seu primeiro encontro com a tela cinema. O público vai entender que a sétima arte vem como uma janela, e esse novo espaço mostra um universo de desejos completamente desconhecidos até então por aquelas pessoas. Isso revela uma construção dramática gerada com o foco em provocar sensações. Através do entendimento do autor sobre esses sentimentos, a plateia vai

sendo ambientada, gerando uma profunda identificação do espectador com aquela cidade, aquela família, um reencontro da plateia com sua própria história. Ele vai transportando o público para aquela cidade do interior. Em relação a Tv, a teledramaturgia sempre foi um ponto de ligação muito forte entre as famílias brasileiras. Paulo é um apaixonado pelas telenovelas. Foi o seu primeiro contato com dramaturgia. A tv abre espaço pra encontros, discussões, novos temas, conflitos e indiscutivelmente era a forma de comunicação mais poderosa nos anos 70. Mario Abel Bressan Junior diz que:

“Ao assistir um determinado programa, o telespectador, acompanhado ou não, está situado em um tempo e espaço em que outras pessoas, grupos de referência (WALBWACHS, 2003) estão presentes... Ela passa a ser um destes grupos de referência e participa socialmente da vida dos indivíduos. O telespectador quando revê uma imagem de tempos atrás, volta ao passado, reminiscências são evocadas e conseqüentemente as afetividades surgem... A TV é socializadora, constrói emoções e com isso potencializa a volta a um tempo que quando rememorado, traz manifestações afetuosas.”
(MEMÓRIA AFETIVA E REVISITAÇÃO DE IMAGENS COM A TELEVISÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM, pag 2)

Paulo em sua entrevista com alunos sobre dramaturgia ainda pontua sua paixão e entendimento da força da teledramaturgia para essa história. Ele diz:

“Eu cresci vendo a telenovela. Eu cresci lendo muito e vendo muita telenovela. Vendo muita televisão, mas sobretudo vendo muito telenovela. Desde muito criança capturado pelo universo dramático, assim com muito interesse, aquilo me constituiu. E tem algo na telenovela, de muito popular, de muito acessível, de muito retrato do cotidiano, que me interessa muito. Eu gosto da ideia do hábito diário de ver a telenovela e acompanhar aquilo. E as novelas começam, terminam, se sucedem, e elas entram no meu dia a dia e eu deixo que elas entrem no meu dia a dia. É uma fonte de prazer.”
(ALCANTARA, 2019)

Acho importante salientar que quando Paulo traz a ideia de que cresceu vendo Teledramaturgia, ele está falando de sua memória, sua lembrança da importância da teledramaturgia para seu círculo de convivência, está traduzindo nesta fala o caminho que ele fez como dramaturgo utilizando seu arsenal de lembranças para revelar a forma de vida de uma cidade, a forma de se relacionar de um povo. Paulo é um autor que não perde o foco no texto, atento a engenharia das ligações emocionais ligadas as ações, e ancora o crescente emocional do texto com seu público. Como afirmei antes, é um autor que vai muito além das palavras.

Psicologicamente, em *Partiste* a literatura, o vício no álcool, as telenovelas, o circo, e o cinema, são importantes pontos de fuga da realidade para as personagens que estão tendo que lidar com uma reestruturação familiar, com grandes perdas e grandes partidas. É o doloroso processo de se reinventar. Um processo humano, difícil de ser traduzido só em palavras, pois falamos do rebentar de sentimentos, que exige do autor a elaboração de situações e elementos de acionem no público a experiência do sentir.

As rubricas de um texto dramático não são apenas indicações espaciais, mas resultados de uma profunda pesquisa sensorial e intelectual, que vão nortear o encenador e o atores, no caminho e nas texturas que o texto exige da encenação. Um autor fica completamente exposto diante da sua obra. Nos textos dramáticos, é nas rubricas que o dramaturgo vai explicitar o onde, a classe social, os tempos, e de alguma forma fazer transformar essas palavras em pequenas imagens. Vemos aí o aparecer do autor pesquisador em ação. Essa memória neste caso não deixa de ser afetiva. A cidade de Livramento de Nossa Senhora, sem dúvida, para Paulo estava inundada de sentimentos. Livramento é a cidade que o autor nasceu e passou boa parte da sua infância a adolescência. Contar essa história nos anos 70, inevitavelmente faz com seja preciso perceber as mudanças que aquele espaço sofreu. Como isso reverberou nas famílias, na cidade, no povo. Neste texto ele recriou no ambiente familiar, e nas relações pessoais a atmosfera dos anos 70 na cidade de Livramento. Um bom dramaturgo no processo de criação de um texto deve ter esse cuidado, de apresentar com clareza esse ambiente, esse terreno para um novo encenador, leitor, ator, que ainda não conheçam de forma aprofundada esse espaço., essa cultura. Todo este artesanato presente na construção dramática de *PARTISTE* demonstra a afetividade e o cuidado que o autor tem com cada nova porta que está abrindo, cada nova alma que está criando. Localizar nos anos 70 é mais um grande acerto e uma escolha inteligente de um autor experiente, pois, como estava muito implicado emocionalmente com questões abordadas pelo texto, localizar em uma época distante gera um distanciamento que facilita a construção de uma dramaturgia mais elaborada. O apolíneo e o dionisíaco andando juntos. Paulo sabiamente diz: “A voz do drama precisa ser ouvida junto com esse eco afetivo.” (ALCÂNTARA, 2019)

A força dessa construção faz com que o público espere ansioso a volta de Jairo, e saia do teatro, ou termine a leitura do texto, imaginando como seria essa volta ou

qual

seria a face dele hoje. O destino de Jairo. O ambiente, a mãe, a família, o lar, a casa, a carta, a comida, todos esses detalhes trazem e constroem Jairo para o público, mesmo ele não estando ali. O leitor, o público, o encenador, só tem acesso as rubricas do autor e aos pontos de vistas dos personagens sobre Jairo. Essa dramaturgia afetiva cria uma profunda empatia do público com Jairo, esse personagem apenas citado. Faz com que ele permeie a nossa imaginação, curiosos para saber o seu destino.

Outro dado importante do processo dramático de Paulo é que ele não faz uma escaleta, cena a cena, elaborando o que vai ocorrer com os personagens. Ele se permite sentir, perceber, imaginar como isso vai chegar naquele público e vai sentindo o fluxo que a história vai levando. Ideias que ele tinha no começo podem mudar, personagens podem ter caminhos diferentes do imaginado. Essa elaboração garante a coesão das cenas, é o arcabouço da engenharia que forma esse álbum, esses quadros que vão contar a história. Paulo vai acompanhando essa história como autor e espectador atento ao mesmo tempo. Isso é fruto de uma dramaturgia realista, onde o autor é capaz de ouvir a voz de cada personagem na sua imaginação. Um bom exemplo disso são as partidas presentes no texto. Paulo foi percebendo que cada personagem que ia partindo deixava no ritmo dramático um crescente de emoção. Percebeu isso porque ele, autor-espectador, ia se emocionando e via isso se transformar também nos personagens, que ficavam mais robustos.

Hora de Partir

O que posso concluir é que PARTISTE é sem dúvida uma inundação de sentimentos. Todos traduzidos de forma delicada, nas palavras, no cotidiano, alicerçados na simplicidade, na fragilidade do sentir, na força da família. Paulo não tem medo da simplicidade, do cotidiano, ele entende que nestas pequenas relações, nestes gestos, estão os sentimentos mais nobres, mais puros, e os que mais comungam com o humano.

A dramaturgia da memória é também a cena da pulsação, a cena do devir, das intensidades que confluem na escrita da nova cena contemporânea, é nessa dramaturgia da “grande cena mental” que conteúdos vividos e imaginados estão plenamente confundidos com o Zeitgeist (espírito da época) da cena contemporânea e que colocam o criador-executante em contato com suas alteridades memoriais, intuitivas e imaginárias. Eis aqui, numa encenação em palavras, a experiência de uma dramaturgia da memória, fruto da sensibilidade, do momento em que uma profusão de elementos

interage numa “alquimia” de memórias. (SÁNCHEZ, 2010, p. 89)

Partiste tem uma construção dramática clara, tecnicamente bem desenvolvida, e embasada por uma profunda memória afetiva, que entrou para somar e impulsionar o processo criativo deste autor. Em minha concepção o verdadeiro artista é aquele que grita a sua emergência, seu ponto de vista mais contundente através da arte. Isso é o que faz de: um autor, ator, cantor, pintor, um verdadeiro artista. Ele não apenas executa o ofício destinado, mas personifica, coloca sua digital, seu olhar, se apresenta e imprime sua voz sobre o tema. Ao terminar esse estudo fico com a certeza de que PARTISTE é obra não só de um autor, mas de um artista. Um generoso e corajoso dramaturgo que consegue olhar pra sua própria história e transformá-las em pura criação.

Bibliografia

ALCÂNTARA, P. H. **Partiste**. Salvador: Fundação gregório de Matos, 2015.

ALCÂNTARA, P. H. **Entrevista Sobre Dramaturgia**. UFBA. Salvador. 2019.

JUNIOR, M. A. B. MEMÓRIA AFETIVA E REVISITAÇÃO DE IMAGENS COM A TELEVISÃO.
COMUNICAÇÃO ORAL - GT 10 – IMAGINÁRIO, MEMÓRIA E RELAÇÕES DE, 2019. 2.

ROUBINE, J. J. **Linguagem da encenação teatral**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2018.

SANCHEZ, L. M. M. **A dramaturgia da memória no teatro-dança**. são paulo: perspectiva, 2010.

SILVA, E. D. J. F. D. DRAMATURGIA E MEMÓRIA: CAMINHOS PARA UMA DRAMATURGIA DE
PERTENCIMENTO, 2016. 23.